O Cântico de Maria: o reverso da medalha

(Lucas 1,46-55)

I. Uma canção subversiva. Suas notas evocam sonhos escondidos. Quem muito sonha muito sub-verte as situações estabelecidas pela sociedade hierarquizada. A canção/sonho de Maria vem infundir em nós, desacostumados a cantar/sonhar, a possibilidade de transformação. Os cantadores/contadores de sonhos são perigosos para todos aqueles que não desejam mudanças significativas no modo de a sociedade operar. Faz-se necessário iniciar a construção de uma nova sociedade através do canto. Quem sabe não começaremos a construir um encanto nas obscuridades da vida...

Penso que a canção de Maria seja um forte apelo a pensarmos a comunidade a partir de uma nova ótica: desde o reverso do status. Na verdade, o que tentaremos descobrir no texto serão sinais de "inversão" que nos possibilitem perceber o que está por detrás dos acontecimentos e, assim, identificar os possíveis desníveis dos versos/reversos que o texto nos apresenta.

O Evangelho de Lucas, de forma geral, representa um forte protesto contra o abuso do necessitado pelo rico. Todavia, em que se baseia Lucas para articular sua defesa dos direitos dos pobres e dos necessitados? Seu fundamento é muito explícito: está na proclamação de Jesus como defensor do pobre e como o grande responsável pela reversão do poder do poderoso. É a partir desse aspecto da tradição profética do Antigo Testamento que Lucas apresenta um modelo para as relações humanas como também um modelo para a interação social.

II. O texto de Lucas 1,46-55 é marcado por uma forte motivação ao se anunciar um novo momento na história. Esse momento é patrocinado por um "agir divino" que inverte as relações sociais a fim de criar um novo relacionamento entre os vários grupos humanos. Na canção temos os humildes e famintos sendo libertos daqueles que os exploram e oprimem (cf. Sl 107,9; 1Sm 2,7-8).

Maria, ao se apresentar como a porta-voz dos pobres que anseiam por libertação, deixa-nos perceber, de forma muito clara, uma inversão dos sujeitos no comando da história. Não é mais o orgulhoso, o poderoso ou ainda o rico que tem a última palavra. Ao se deslocar o "pseudo-sujeito", abre-se uma enorme possibilidade de elevar ao comando da sociedade os humildes e os famintos. Podemos deduzir, portanto, que a ação de Deus no mundo é capaz de produzir grandes conseqüências sociais (Is 57,15; 61,1-3).

III. Um dos aspectos da ação de Deus encontrado no texto é que Ele redirecionará o fluxo de riquezas e poder do rico ao necessitado. À prática de redirecionamento também podemos associar uma outra prática presente no texto que é a da redistribuição através do reverso. Tema que é por demais importante no Evangelho de Lucas ao verificarmos a grande incidência do tema (6,20-26; 7,22; 9,1-6; 10,1-12; 16,19-26).

Presume-se pelo texto que um retorno à situação de igualdade e justiça requer uma reversão da situação presente. Lucas descreve esta reversão principalmente em termos das relações sócio-econômicas dentro da sociedade judaica, das relações entre os ricos e os necessitados e das relações entre o poderoso e o fraco.

O texto é sugestivo: a fim de propor o surgimento de um novo projeto na história, dirigido à estrutura total das relações entre as pessoas em termos de poder, direitos e recursos, Lucas contrapõe duas dinâmicas. Na primeira delas predomina o tema do "vazio", ou, ainda, do "esvaziamento". Na segunda delas predomina o tema da "plenitude", ou, ainda, do "enchimento".

Dos orgulhosos, poderosos e ricos é retirado aquilo que eles consideravam como essencial à sua sobrevivência e/ou mantinha seu *status* na sociedade; aos humildes e famintos é acrescido tudo o necessário para dignificar a vida e assumir o próprio comando da história.

IV. O projeto alternativo que Lucas apresenta na canção é o de uma redistribuição vertical, baseada nas necessidades dos humildes e famintos, como também acontece em muitos outros textos: o homem com hidropisia (14,2); o convidado humilde para ter lugar à mesa (14,10); a pessoa humilde (14,11), o pobre e o impuro (14,13-14). Neste novo projeto impera o valor das relações inversas: aquele que humilha a si mesmo é honrado (14,11), o impuro é curado, e os pobres são convidados para a festa.

O texto de 1,46-55 aponta para algo que iremos encontrar, essencialmente, no Evangelho de Lucas, ou seja, um interesse especial no povo que vive em posição periférica. Pessoas, por exemplo, que viviam como impuros por causa de suas doenças (5,12-16; 17,11-19), os que sofriam de hemorragia (8,43-48), os paralíticos (13,10-17), e outras doenças (4,40; 6,17-19). E ainda os que eram possuídos por demônios (4,33-35; 7,21).

Ao apontar para o povo que vive em posição periférica, também podemos constatar mais uma característica comum nas demais histórias de Lucas, que é o aparecimento do outro: o faminto, a mulher, a pessoa pobre, o estrangeiro. A novidade é que repentinamente aqueles que deveriam estar na base da pirâmide social tomam o centro da cena. E aqueles que estavam no controle dos papéis sociais (no topo da pirâmide) e das possessões são desapossados; seu mundo é colocado de cabeça para baixo. A teologia do texto é por demais simples: não os ricos, mas os pobres são mais próximos de Deus. Não o moralmente superior, mas o impuro. Nas

palavras de Paul Ricoeur isso significa uma "fatal descentralização de perspectiva", para as elites.

V. Ao encontrarmos um tema tão importante como o da reversão/redistribuição no texto de Lucas 1,46-55, se faz necessário buscar informações sobre a estrutura básica de organização e de interação sócio-econômica na Palestina, a fim de compreendermos a dinâmica do tema dentro dos versos em questão.

De acordo com Halvor Moxnes, a estrutura hierárquica lucana pode ser assim ilustrada:

1. O imperador
2. Governadores da Palestina e Síria
3. Sumos-sacerdotes e aristocracia de Jerusalém
4. Oficiais, juízes e agentes em áreas da Palestina
5. Líderes das vilas: fazendeiros ricos, líderes das sinagogas e fariseus
6. Camponeses e membros das vilas
7. Impuros, pecadores, coletores de impostos e necessitados

Esta estrutura piramidal é pesada demais em termos de poder. A maior parte da população está em categorias mais baixas. E como o poder era desigualmente distribuído, havia como conseqüência uma pesada pressão dos níveis mais altos da pirâmide sobre a população da vila. Certamente uma posição de eterna crise. Essa crise torna-se mais visível na vila quando percebemos como a canção fala de Deus como benfeitor. E essa característica de Deus ressalta no texto de Lucas 1,46-55: um Deus que empreenderá uma radical redistribuição e redirecionamento de elementos vitais à sobrevivência dos humildes e famintos.

VI. Três pontos são básicos (e também mínimos) numa modesta escala social. São eles: casa, alimentação e roupa. A começar pelos famintos citados no cântico de Maria, encontramos ao longo do Evangelho de Lucas um razoável número de passagens que se referem ao faminto ou à fome. Na maioria delas existe um contraste entre o rico e o necessitado. Muitas dessas referências ao povo que se encontra com fome ocorrem dentro de um contexto de reverso, ou seja, da fome para a satisfação, descrevendo assim como Deus transformará a situação e satisfará a fome (6,1-5; 21,25; 9,10-17; 15,14-24; 16,19-26). Para o povo que está faminto, a necessidade básica é se encontrar satisfeito e ter o suficiente para comer. A palavra que Lucas utiliza a fim de ilustrar essa situação é *chortazo* (6,25; 9,17; 16,21). Uma expressão que não implica em luxúria: ela se encontra no contexto de alimentação da multidão (9,17) e no episódio de Lázaro quando "desejou alimentar-se com o que caía da mesa do homem rico" (16,21).

VII. O projeto alternativo apresentado por Lucas na canção de Maria busca o esvaziamento e o deslocamento sócio-político-histórico dos mantenedores do *status* e da economia aparelhada tão somente para a satisfação de necessidades particulares.

O texto de Lucas 1,46-55 exerce uma forte pressão sobre nós, cristãos brasileiros, pois é baseado sobre as necessidades para a subsistência daqueles que têm poucos recursos para a sobrevivência. Os humildes e famintos não devem ser colocados em posição de dependência. Ao contrário, a estrutura da comunidade deve ser sempre baseada na solidariedade interna e na partilha. Esses dois elementos

servem para abolir todas as diferenças entre os membros da comunidade e ainda permitem a coesão da mesma.

A comunidade que Lucas começa a descrever no cântico de Maria e que tem sua continuidade ao longo do Evangelho possui uma certa semelhança com a estrutura da sociedade atual: a estrutura de dominação e exploração pelos orgulhosos, opressores e ricos ainda é plenamente visível e constatável. Todavia, assim como lá na canção, também hoje o Evangelho continua a oferecer a libertação do modelo de sociedade que os legitima.

A dinâmica do texto mostra-nos um desafiador parâmetro para a nossa prática do seguimento de Jesus na sociedade atual: a obrigação de avaliar a atividade econômica e social a partir do ponto de vista dos pobres e dos sem-poder. E, assim, buscarmos também viver a partir de um projeto alternativo que implica numa radical reversão e redistribuição de poderes, direitos e recursos tanto nas relações sociais individuais quanto societárias.

Bibliografia

Ao longo do artigo estive dialogando com diversos autores, sendo assim difícil nominá-los. Contudo, um autor serviu de base e de gerador de idéias. A ele devo muito: H. Moxnes, *The Economy of the Kingdom*, Philadelphia, Fortress Press, 1988.

Luiz Alexandre Solano Rossi
Caixa Postal 118
87020-090 Maringá, PR